

RAYAN SILVA MAGALHÃES

**ESTUDO DE DIFERENTES CONCEITOS DE CULTURA: O QUE A ASSOCIAÇÃO
DE SKATE E HIP-HOP DE POUSO ALEGRE QUER DIZER QUANDO DIZ
“CULTURA”?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Gabriel Sausen Feil

SÃO BORJA

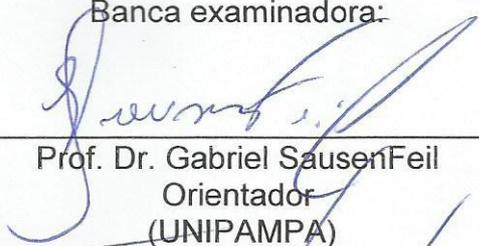
RAYAN SILVA MAGALHÃES

ESTUDO DE DIFERENTES CONCEITOS DE CULTURA: O QUE A ASSOCIAÇÃO DE SKATE E HIP-HOP DE POUSO ALEGRE QUER DIZER QUANDO DIZ "CULTURA"?

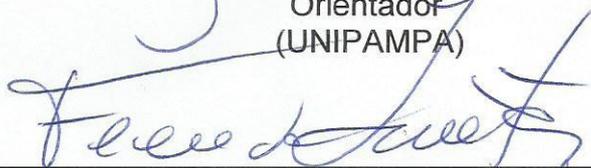
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 27 de janeiro de 2015.

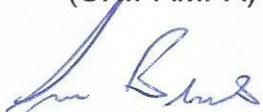
Banca examinadora:



Prof. Dr. Gabriel Sausen Feil
Orientador
(UNIPAMPA)



Prof. Me. Fernando Silva Santor
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Cesar Beras
(UNIPAMPA)

RESUMO

Para darmos conta do objetivo do presente trabalho, o dividimos em duas unidades. Na Unidade I, buscamos estudar diferentes conceitos de cultura a fim de estabelecer um embasamento teórico suficiente para a realização do objetivo da Unidade II, que é analisar, à luz dos conceitos estudados na Unidade I, de qual concepção de cultura as atividades realizadas pela Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre mais se aproximam e também de qual elas mais se distanciam. Para realizar essa análise nos valeremos de uma entrevista semipadronizada com o presidente da ASHPA e também de uma análise documental de alguns materiais de comunicação veiculados na *fanpage* da associação no Facebook.

Palavras-Chave: cultura; ASHPA; cultura popular; cultura erudita.

ABSTRACT

In order to achieve the present work's goal, we separate it in two units. On Unity I, we look for studying different concepts of culture so we can set up a theoretic base sufficient for the realization of the second unit's objective, which is to analyse, using concepts studied on Unity I, what conceptions of culture are closer to the activities realized by ASHPA - Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre (Pouso Alegre Skate and Hip Hop Association) and also which ones are the farthest. To perform this assay, we use a semi standardized interview with ASHPA's president and also a document analysis on some communication materials posted on the association's page on Facebook.

Keywords: culture; ASHPA; popular culture; erudite culture

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
UNIDADE I.....	12
1 O conceito iluminista de cultura.....	12
2 O conceito da antropologia clássica (concepção descritiva).....	14
3 O conceito interpretativo de cultura (concepção simbólica).....	17
4 O conceito estrutural de cultura.....	19
5 O conceito frankurtiano de cultura (Escola de Frankfurt).....	22
6 O conceito dos estudos culturais.....	24
UNIDADE II.....	27
1 Entrevista.....	28
1.1 Explicação da técnica.....	29
1.2 Análise da entrevista.....	30
2 Materiais comunicacionais.....	33
2.1 Explicação da técnica.....	33
2.2 Análise das peças (publicitária e jornalística).....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com este estudo, buscamos, num primeiro momento (Unidade I), estudar diferentes conceitos de cultura, a fim de criarmos embasamento teórico capaz de sanar nossa segunda demanda (Unidade II), que consiste em delimitar os pontos em comum e as possíveis divergências entre os conceitos de cultura estudados anteriormente e as ações e eventos realizados pela Associação de Skate e Hip-Hop de Pouso Alegre (ASHPA); além disso, consiste em elencar qual a teoria em que há maior convergência e em qual há o maior distanciamento em relação ao modo como a associação usa o termo “cultura”. Em outras palavras, a preocupação pontual da Unidade II é demarcar de qual conceito de cultura a ASHPA se apropria em suas ações e de qual ela mais se distancia.

E ao tentarmos fazer isso, já surgem as seguintes teses: (a) o conceito de cultura que mais se aproxima das ações realizadas pela ASHPA deve ser o proposto pelos estudos culturais e analisado por Escosteguy (2001). Isso porque o Hip-Hop e o Skate são manifestações culturais oriundas da cultura popular, e a sua repercussão na mídia serve como força de popularização do movimento, e não como reprodução que banaliza as ações, tal como propõem Benjamin (apud RÜDIGER, 2001) e os demais pensadores da Escola de Frankfurt. A proximidade com o conceito dos estudos culturais se torna ainda maior quando levamos em consideração a sua linha latino-americana, isso pelo fato de seu enfoque ficar na híbridas das culturas, algo que é recorrentemente trabalhado pelo Hip-Hop e pelas demais manifestações populares.

Já a Escola de Frankfurt, (b) deve ser a corrente de pensamento que apresenta um conceito que mais se distancia das práticas realizadas pela ASHPA. Isso porque, para os frankfurtianos, são consideradas como cultura apenas aquelas manifestações culturais singulares e que mantêm as suas auras intactas, o que somente é possível sem a sua reprodução massiva. Dois quesitos não observados pela ASHPA.

Formuladas tais teses, apresentamos a Associação de Skate e Hip-Hop de Pouso Alegre (ASHPA), que é uma entidade não governamental e sem fins lucrativos, fundada em 2010 na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, por membros da comunidade local simpatizantes do tema. Seu objetivo é disseminar a cultura do Skate e do Hip-Hop entre os cidadãos, mais especificamente entre os jovens,

fazendo com que esses se tornem indicadores de ascensão social e, para isso, realizam diversos eventos relacionados ao Hip-Hop e ao Skate, como campeonatos, shows, fóruns, debates e oficinas. Além disso, recentemente, teve projeto aprovado pelo Ministério da Cultura, através da Lei de Incentivo à Cultura (LIC), no qual projetam oficinas e palestras aos estudantes do ensino fundamental e médio das escolas municipais de Pouso Alegre, sobre os temas relevantes à Associação. Seu principal veículo de comunicação com o seu público-alvo é a *fanpage* no Facebook, na qual são divulgados os seus eventos, projetos e notícias.

Consideramos esta pesquisa relevante por conta, principalmente, de duas perspectivas. A primeira gira em torno do nosso profundo interesse pelo tema desde o surgimento da associação. Crescemos convivendo com jovens que se beneficiaram, e até mudaram de vida, com o auxílio da ASHPA e, além disso, sempre estivemos próximos à elaboração dos projetos realizados, por termos um grau de parentesco primário com um dos criadores da associação.

Outra delas se dá no sentido de que os estudos relacionados à compreensão e delimitação dos diferentes conceitos de cultura, bem como a percepção do contexto em que os mesmos surgem e as suas representatividades históricas, são usados com frequência tanto por pesquisadores da área da Comunicação quanto por profissionais de outras áreas. Porém, não se encontram disponíveis na plataforma SciELO, no portal de periódicos da Capes e nem na Intercom trabalhos que se proponham a apontar diferentes definições de cultura e, após isso, utilizá-las como embasamento na análise de uma organização não governamental. No portal da Intercom encontramos diversas produções científicas que trazem conceitos de cultura como pano de fundo, como, por exemplo, os trabalhos intitulados “Um breve debate sobre a indústria cultural”, de Leandro Raphael Nascimento de Paula (2009), e “A visibilidade da cultura nordestina propiciada pela banda ‘Cordel de Fogo Encantado’”, de Tamires Low Gonçalves (2009). Ambos tratam de analisar objetos da cultura popular usando como pano de fundo o pressuposto teórico que os frankfurtianos chamam de indústria cultural, e, para isso, recorrem a autores como Walter Benjamin e Theodor Adorno.

Encontramos também, nesse mesmo viés, no portal da Intercom, trabalhos com a mesma intenção dos mencionados acima, porém, que abordam outras perspectivas teóricas, como, por exemplo, o que se intitula “A identidade cultural de Teresina na publicidade de seus 156 anos: memória e hibridismo”, de Camila Calado

Lima (2009), que se imbuí dos pressupostos dos estudos culturais postulados por autores como Stuart Hall e Nestor García Canclini, para analisar o reflexo identitário e cultural de propagandas veiculadas nas principais emissoras de televisão do Piauí, na data do aniversário de 156 anos de Teresina.

Sendo assim, tendemos, nesta pesquisa, a acrescentar informações a esse acervo, ao mesmo tempo em que trazemos informações ainda não pesquisadas. É essa possibilidade de trazer uma nova abordagem e aplicação dos estudos dos processos culturais para o âmbito acadêmico que constitui a segunda perspectiva de relevância desta pesquisa.

Em suma, o trabalho se justifica por contribuir para uma linha de estudos que já é estudada e utilizada na área da Comunicação, porém, sob uma nova abordagem.

Justificada a relevância do trabalho, temos como objetivo demarcar qual dos conceitos de cultura (dentre aqueles já mencionados neste trabalho) as atividades da Associação de Skate e Hip-Hop de Pouso Alegre tem mais pontos em comum e também de qual deles ela mais se distancia. Em outras palavras, a ASHPA afirma que promove atividades culturais; diante disso, queremos entender qual conceito de cultura essa associação está usando quando faz tal afirmação.

Sendo assim, chegamos a uma série de objetivos específicos que nos ajudam a dar conta da execução do objetivo principal. São eles: estudar os diferentes conceitos de cultura, a fim de criar o embasamento necessário para a análise que traz a ASHPA como objeto; apresentar a ASHPA e elucidar seu funcionamento; estabelecer a relação entre as atividades que a ASHPA realiza e os conceitos de cultura estudados; e, por fim, delimitar qual conceito de cultura a ASHPA mais se aproxima e de qual ela mais se distancia.

Em termos metodológicos, realizamos, para a elaboração das justificativas do trabalho, uma pesquisa da pesquisa, a fim de fazermos um levantamento de conteúdo acadêmico já produzido sobre o tema em Comunicação. Bondini (2011, p. 34) define pesquisa da pesquisa como sendo o ato de:

Trabalhar com investigações produzidas no campo [e em áreas de interface] relacionadas ao problema/objeto, para fazer dessa produção elemento ativo na sua elaboração. Tal movimento exige desde ações mais operativas de levantamento das pesquisas até o trabalho alentado de reflexão e desconstrução, que permita ao pesquisador empreender apropriações, reformulações e alargamentos dessas propostas, em vários níveis.

E é esse trabalho de pesquisa de produções já existentes citado pela autora que demonstra a viabilidade deste projeto de pesquisa. Apontando que o mesmo se mostra relevante no sentido de produzir material científico que aborda uma organização que até então não é explorada, ao mesmo tempo em que aborda temas frequentemente estudados em Comunicação, como, por exemplo, o estudo dos diferentes conceitos de cultura.

Para estabelecermos a relação entre as atividades realizadas pela ASHPA e os conceitos de cultura escolhidos, precisamos, primeiro, explorar esses diferentes conceitos. Para isso, utilizamos, na Unidade I, a metodologia de pesquisa bibliográfica, focando-a no estudo dos seguintes conceitos: o conceito iluminista; o conceito antropológico clássico, também conhecido como concepção descritiva de cultura; o conceito interpretativo, também nomeado como concepção simbólica; o conceito estrutural de cultura; o conceito criado pelos pensadores da Escola de Frankfurt e também o proposto pelos estudos culturais, sejam eles britânicos ou latino-americanos.

Podemos definir a pesquisa bibliográfica como:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2007, p. 65).

Assim, tendo em mãos os pressupostos teóricos, estabelecemos a base para a análise das atividades propostas pela ASHPA, delimitando de qual o conceito de cultura elas mais se aproximam e também de qual mais se distanciam.

Na Unidade II, por estarmos nos propondo a estudar uma organização com pouco tempo de existência, realizamos, antes de tudo, uma pesquisa exploratória, tipo de pesquisa que, para Gil (2007, p.43), tem a finalidade de,

desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou de hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

Esse esclarecimento citado pelo autor se dá através da aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa. Elucidando assim, com maior clareza os questionamentos e reflexões que surgem durante a pesquisa.

A natureza elucidativa desta pesquisa fica evidente, e é auxiliada pela falta de conteúdo científico já produzido sobre a ASHPA, questão essa que se sana com a escolha do método exploratório, visto que o mesmo tem, nas palavras de Gil (2007, p. 43), o objetivo de “proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

O levantamento de dados sobre a Associação de Skate e Hip-Hop de Pouso Alegre, que é feita através de entrevista via skype com o presidente da associação, Wesley de Carvalho.

Entrevistamos, utilizando o procedimento metodológico da entrevista semi-estruturada, ou semi-padronizada, o presidente da Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre. Este procedimento, segundo Triviños (1987, p. 146) pode ser caracterizado como:

a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador [...] a entrevista semi-estruturada [...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Tendo em mãos as informações subjetivas obtidas através da entrevista semi-estruturada, realizamos uma análise utilizando como pano de fundo os pressupostos teóricos apresentados na Unidade I acerca dos diferentes conceitos de cultura escolhidos como objeto dessa pesquisa.

No que tange a nossa aproximação ao objeto (a Associação), proposta na Unidade II, a ideia é realizar uma análise documental dos materiais de comunicação produzidos pela ASHPA ao ponto em que se esclareça a intenção e o sentido da Associação ao usar a palavra “cultura” em seu discurso, seja ele verbal ou não verbal.

Esta análise documental é de relevante importância para a delimitação de como a associação se utiliza da expressão “cultura” de maneira prática, ou seja, em sua comunicação direta com o público. Johnson (1984, p. 23) apresenta duas formas de utilização da análise documental:

Em alguns projetos, a análise documental é usada para suplementar informações obtidas por outros métodos como, por exemplo, quando a confiabilidade das evidências reunidas a partir de entrevistas ou questionários é verificada. Em outros, será o método fundamental, ou mesmo exclusivo, de pesquisa. E será particularmente útil, quando o acesso aos temas da pesquisa for difícil ou impossível [...] A falta de acesso aos temas da pesquisa pode ser frustrante, mas a análise documental de arquivos e registros pode se mostrar uma fonte de dados alternativa extremamente valiosa. (JOHNSON apud DUFFY, 1984, p. 23).

No caso do nosso objeto, a utilização da análise documental como procedimento metodológico se justifica de acordo com a segunda opção citada pelo autor. Visto que a ASHPA é uma associação com pouco tempo de fundação e não possui conteúdo produzido suficiente para uma análise aprofundada. Sendo assim, analisamos pontualmente peças publicitárias e jornalísticas onde a incidência da palavra “cultura” é direta.

A forma de abordagem a tais materiais é a que Brendan Duffy (2008, p.107) chama de “abordagem orientada para o problema que consiste basicamente em formular questões por meio do uso de outros métodos de pesquisa” – no nosso caso a entrevista semi-estruturada” – e depois pela consulta de fontes secundárias.”

Esse procedimento metodológico investiga o que já foi descoberto acerca do tema após estabelecer o foco do estudo. Sendo assim, nos baseamos primeiramente nas informações obtidas através da entrevista semi-estruturada com o presidente da Associação de Skate e Hip-Hop de Pouso Alegre para através delas estabelecer critérios para análise de seus materiais comunicacionais.

No momento de elaboração das análises, nos valemos da lógica indutiva. Visto que a mesma tem como critério de análise partir de características individuais – como no nosso caso as atividades e o modo com que elas são realizadas pela ASHPA – a fim de chegar a conclusões gerais – nesse caso com relação aos conceitos e definições de cultura estudados pela Unidade I deste trabalho.

UNIDADE I – ESTUDO DE DIFERENTES CONCEITOS

Para a realização desta pesquisa, exploramos diferentes definições dos conceitos de cultura. Definições essas postuladas por estudiosos de diversas áreas, como antropólogos, sociólogos e comunicólogos, o que nos dá uma visão plural sobre o conceito em questão.

1 O conceito iluminista de cultura

Tentando delimitar um panorama cronológico dos estudos sobre a cultura, tomamos primeiramente como objeto de estudo o conceito surgido na França e Inglaterra, elucidado por J. B. Thompson (1990), em seu livro *Ideologia e cultura moderna*. Na nossa terminologia, trata-se do conceito Iluminista.

Segundo Thompson (1990, p. 168), a partir do século XVI, o termo cultura expandiu seu significado, não se limitando somente às práticas agrícolas e agora incluindo os processos de desenvolvimento humano. Tanto na Inglaterra quanto na França, agora a palavra cultura expande-se do cultivo de grãos para o cultivo da mente, tendo, mais tarde, no século XIX, como sinônimo a palavra civilização. Expressão essa que surgiu em um contexto histórico progressista, de libertação de dogmas até então instaurados há séculos na sociedade – dogmas tais como os do teocentrismo. Sendo influenciada diretamente por esse contexto, a palavra cultura, e seu sinônimo, eram usadas para descrever um processo progressivo de desenvolvimento humano, processo esse que ocasionou em um movimento rumo às ideias de refinamento e de ordem, se opondo às de selvageria e de barbárie. Nesse sentido, o uso substantivo cultura, que antes tinha conotação verbal, se referindo a um processo ou ao produto desse processo não era comum até o início do século XIX.

Para o autor (THOMPSON, 1990, p. 168), essa atribuição progressista a um termo que até então somente tinha sido visto nos idiomas europeus com relação ao cultivo de grãos e animais é fruto do pensamento iluminado que contagiava tanto a França quanto a Inglaterra, e isso fica evidente quando ele cita:

Por trás deste sentido emergente estava o espírito Iluminista europeu e a sua confiante crença no caráter progressista da Era Moderna. Na França e na Inglaterra, os usos das palavras 'cultura' e 'civilização' se sobrepujaram:

ambas foram, progressivamente, sendo usadas para descrever um processo geral de desenvolvimento humano, de tornar-se 'culto' ou 'civilizado' (THOMPSON, 1990, p. 168).

Porém, nem toda a Europa compreendia o termo cultura dessa mesma forma. Para os alemães, cultura (*Kultur*) e civilização (*Zivilisation*) tinham sentidos diferentes. Sendo tratado o primeiro, que tinha conotação positiva, como a forma de expressar a individualidade e criatividade das pessoas através de produtos intelectuais, artísticos e culturais, e o segundo termo, de conotação negativa, como o refinamento e polidez das maneiras.

Sendo assim, em síntese, a França e a Inglaterra compreendiam o uso das palavras cultura e civilização como sinônimos, sem qualquer diferenciação entre os termos, sendo os mesmos sempre empregados no sentido de aprimoramento dos costumes e das boas maneiras. Já os alemães enxergavam de maneira separada as duas expressões, sendo cultura ligada à singularidade e civilização às boas maneiras e polidez.

Apesar das diferenças de entendimentos, ambas as concepções podem ser unidas no que tange a cultura sendo entendida como um processo de enobrecimento da mente. Nas palavras de Thompson(1990, p. 170), cultura é entendida por esse conceito como “o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressista da era moderna”.

O fato de a cultura estar, aqui finalmente, ligada ao enobrecimento do ser humano através das artes e da Academia é louvável, é o que faz com que até nos dias de hoje essa palavra tenha uma conotação positiva. Porém, ao restringir a cultura ao campo da Academia e das artes toda a possibilidade de enobrecimento pessoal, torna-se uma concepção limitada.

Logo, há um lado positivo e outro negativo: se por um lado passa-se a enxergar a cultura como atividade de enobrecimento do indivíduo, ainda não se tem uma visão geral de tudo o que pode ser interpretado como cultura, levando em conta apenas as manifestações artísticas e acadêmicas como tal. Ou seja, a concepção iluminista privilegia algumas atividades e valores em detrimento de outros como sendo a maneira pela qual o indivíduo se torna culto, “isto é, enobrecidos de mente e espírito” (THOMPSON, 1990, p 170).

O que definia quais eram os trabalhos e valores que recebiam caráter cultural eram os pensadores da *Intelligentsia* alemã, que o faziam a fim de salientar sua própria auto-afirmação e auto-imagem. Genericamente, podemos dizer que eles o faziam apoiados pela forte crença no progresso associado ao Iluminismo europeu.

Porém, esses pressupostos estabelecidos por estudiosos da área foram caindo por terra ao passo em que alguns acontecimentos históricos ocorriam. O principal deles foi o surgimento de uma nova disciplina emergente no fim do século XIX: a antropologia.

Neste processo, o conceito de cultura foi despojado de algumas de suas conotações etnocêntricas e adaptado às tarefas da descrição etnográfica. O estudo da cultura estava agora menos ligado ao enobrecimento da mente e ao espírito no coração da Europa e mais ligado à elucidação dos costumes, práticas e crenças de outras sociedades que não as europeias (THOMPSON, 1990, p. 170).

Daqui em diante, o conceito de cultura é tomado como objeto da antropologia, que como citado acima era uma disciplina recém-criada e sem bases teóricas bem fundamentadas. A principal diferença de análise pré e pós-antropológica é que antes o foco estava na análise estratigráfica das práticas culturais, e agora a importância maior se dá a uma prática etnográfica, ou seja, onde o pesquisador está mais inserido na realidade a ser estudada.

2 O conceito da antropologia clássica (concepção descritiva)

O importante passo dado nos estudos da cultura a partir do momento em que os mesmos passaram a se tornar objeto de estudo da antropologia, ciência que tem como principal objetivo o estudo do homem se dá por que os estudos da cultura são desenvolvidos por e para os homens de uma forma geral, ora com a intenção de classificar a cultura dentro de uma hierarquia cultural, ora apenas com o intuito de conhecer as diferentes culturas existentes no planeta.

Dentro dessas duas possibilidades, temos duas concepções de cultura que são descritas a seguir, a começar pela concepção descritiva de cultura, a qual foi apontada por E. B Taylor, professor de antropologia da Universidade de Oxford e esclarecida por Thompson em seu livro *Ideologia e cultura moderna*.

Taylor compartilhava do pensamento dos franceses e ingleses acerca do significado dos termos cultura e civilização, para ele os dois eram complementares e congruentes e isso fica evidente quando cita:

Cultura ou Civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. A condição de cultura, entre as diversas sociedades da espécie humana, a medida em que é passível de ser investigada nos princípios gerais, é m tema apropriado para o estudo do pensamento e da ação humanos (TAYLOR apud THOMPSON, 1990, p. 171).

Esse “todo mais complexo” citado frequentemente por Taylor, conforme Thompson (1990, p. 170), é o ponto chave de sua concepção e, para essa, a cultura pode ser vista como o conjunto inter-relacionado de crenças, costumes, formas de conhecimento e arte entre outros fatos que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros participantes de uma sociedade particular; e esse conjunto pode ser estudado sob a perspectiva da ciência. Sendo assim, o “todo mais complexo” de determinada sociedade é o que a diferencia das demais existentes, tendo como método a dissecação desses “todos” em suas partes componentes, classificação e comparação dos mesmos de maneira sistemática. Porém, ao submeter a análise dos processos culturais às ciências, surge a necessidade de estabelecer critérios formais de análise, o que resulta na *cientifização* do conceito de cultura, o que, na visão de muitos antropólogos, seria vista como um problema. Em suma o antropólogo tem, aqui, uma função semelhante à do Zoólogo, no sentido de “catalogar” as peculiaridades que distinguem uma sociedade das demais.

Da mesma forma que o catálogo de todas as espécies de plantas e animais de uma região representam sua flora e fauna, assim uma lista de todos os itens da vida em geral de um povo representa aquele todo que denominamos sua cultura. (TYLOR, 1903, p. 08 apud THOMPSON, 1990, p. 172).

Neste sentido, a cultura é definida como “objeto de pesquisa sistemática” (THOMPSON, 1990, p. 172) produzindo o que pode ser descrito como a já citada *cientifização* do conceito de cultura. Há aqui uma alteração na ótica relacionada à cultura. Até então, a “primitiva” concepção clássica da cultura possuía uma noção humanística ligada ao cultivo das faculdades humanas através da Academia e da

arte, porém esta noção se limitava a conceituar cultura como tal, não propondo uma metodologia para o estudo da mesma. O que já acontece na concepção descritiva postulada pelos estudos de Tylor, chegando considerada como a viga-mestra de uma disciplina científica recém surgida.

Porém, o caráter científico adquirido na concepção descritiva não eliminou a ênfase na idéia de progresso, em muitos casos ela apenas inscreveu essa idéia num marco referencial evolucionista. Isso fica evidente no trabalho de Tylor, pois ele enxergava as condições culturais de diferentes sociedades eram vistas como “estágios de um desenvolvimento ou evolução, cada um como resultado de uma história prévia, e prontos a fazer sua parte adequada na moldagem da história do futuro.” (TYLOR, 1903, p. 01 apud THOMPSON, 1990, p 172).

Além do enriquecimento científico, os estudos da cultura, para Tylor, tem a função de reconstruir o desenvolvimento da espécie humana, visando reorganizar os passos que levaram da selvageria à civilização. Por isso Tylor se preocupa com o que chama de “sobrevivência da cultura”, ou seja, aqueles resíduos de formas culturais prévias que perduram na atualidade, porém comprovam nossas origens bárbaras e primitivas.

Antropólogos posteriores começam a divergir em alguns pontos da opinião de Tylor. Como por exemplo, Malinowski, que nas décadas de 30 e 40, defendeu uma “teoria científica da cultura”, endossando uma teoria científica qualificada, mas com o interesse principal em desenvolver uma abordagem funcionalista da cultura, na qual os fenômenos culturais fossem analisados em termos da satisfação das necessidades humanas. Porém Malinowski é um pesquisador que supera diversas questões que para Tylor não eram importantes, mas ambos pertencem, segundo Thompson, à concepção descritiva pois compartilham da seguinte idéia:

A cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade (THOMPSON, 1990, p. 173)

O estudo da cultura envolve, ao menos parcialmente, comparação, classificação, e análise científica de diversos fenômenos. Entretanto, existem diferentes visões sobre como o estudo da mesma deveria proceder, como por exemplo, se o mesmo deveria ser pautado em uma estrutura referencial evolucionista ou então se deveria priorizar uma análise funcional. Essa dicotomia é o

que forma a principal intriga no estudo da concepção descritiva de cultura, chegando a ser, em certo ponto, mais complicada do que a própria concepção de cultura em si.

3 O conceito interpretativo de cultura (concepção simbólica)

Clifford Geertz, antropólogo e professor universitário americano, é considerado o criador de uma das vertentes mais importantes da antropologia contemporânea: a antropologia interpretativa, que pressupunha a leitura das sociedades como textos. A interpretação se dá em todos os momentos do estudo, desde a leitura do texto (sociedade), que é repleto de significados, passando pela escritura do ensaio do antropólogo, até a leitura e conseqüente interpretação de terceiros, que não passaram pelas experiências vividas pelo autor. Além disso, reforça a ideia de que o texto antropológico precisa estar imerso na cultura estudada para extrair com detalhes as informações desejadas.

Em seu livro *A interpretação das culturas*, Geertz (1973) propõe, ainda que sem contestar a sua força criadora, a substituição do “todo mais complexo” de E. B. Taylor, que, por ser um conceito muito amplo e eclético, “confunde mais do que esclarece”. Não que o autor julgue só existir um caminho a ser seguido, mas justamente por haver muitos caminhos há a necessidade de escolha entre eles. Não é possível “abraçar” todos os caminhos eficientemente.

Geertz (2008, p. 04) conceitua cultura como:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; Portanto, não como ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa, à procura do significado.

Assim, para o autor, a metodologia mais eficaz para análise dessas teias de significados é a etnografia, pois a mesma nos impede de cair na superficialidade da generalização que era recorrente até então nos postulados de Taylor. Por etnografia, Geertz (2008) compreende uma descrição densa, ou seja, que o pesquisador esteja imerso na cultura a ser estudada na tentativa de uma compreensão consistente dos padrões e dogmas da mesma. No mesmo parágrafo o autor posiciona-se contra a ideia de que a antropologia seja uma ciência experimental, ligada às *hard sciences*,

e que está sempre em busca de comprovar empiricamente as suas “leis”. Tal posicionamento fica ainda mais evidente quando ele cita:

A falácia cognitivista – de que a cultura consiste (para citar um outro porta-voz do movimento, Stephen Tylor) ‘em fenômenos mentais que podem ser analisados através de métodos formais similares aos da matemática e da lógica’ é tão destrutiva do uso efetivo do conceito como são as falácias ‘behaviorista’ e ‘idealista’, para as quais ele é uma correção mal concluída (GEERTZ, 2008, p. 09).

Em síntese, Geertz (2008) é o primeiro a considerar que o antropólogo deve realizar uma leitura da sociedade, pois essa é entendida como texto, cabendo ao estudioso escrever de maneira densa, através da etnografia. Para o autor (1973), essa deve ser a atitude do antropólogo porque a interpretação das culturas não é uma ciência exata que posso se utilizar de formas padronizadas de análise.

Sendo assim, para Geertz, a metodologia de análise dos processos culturais tem pouco a ver com o estabelecimento de normas ou leis, e muito menos com a construção de grandes esquemas evolucionistas, preocupando-se mais com a interpretação do texto literário do que com a formulação de regras empíricas.

Para Thompson o processo de análise cultural na concepção de Geertz se conceitua como “em primeiro lugar e principalmente, a elucidação desses padrões de significado, a explicação interpretativa dos significados incorporados às formas simbólicas” (THOMPSON, 1990, p. 176).

Levando em conta tal concepção, o estudo dos processos culturais adquire um caráter diferente do que postulado pela concepção descritiva, de Taylor, onde o foco estava no estabelecimento de padrões de análise, tornando o estudo dos processos culturais uma prática funcional. Na concepção de Geertz o estudo da cultura é uma atividade com interesse maior na interpretação de um texto do que na classificação da flora e da fauna. E ao se referir à essa análise cultural relacionada à textos o autor salienta que essa relação se dá não somente porque o escrever etnografia envolve a produção textual, mas, também, porque os padrões de significado que o etnógrafo tenta entender são eles próprios construídos como um texto. Logo, a cultura pode ser compreendida como “uma ‘montagem de textos’, como ‘documentos feitos ações’, como ‘trabalhos imaginativos elaborados a partir de materiais sociais’” (GEERTZ, 2008, p. 30, 31).

4 O conceito estrutural de cultura

Esta concepção se vale do pano de fundo criado pelas duas anteriores citadas acima, de forma com que Thompson (1990) baseia-se na concepção simbólica de Geertz para formulá-la, valendo-se dos seus pontos positivos, mas também considerando suas limitações. Ao dizer “concepção estrutural de cultura”, o autor refere-se a uma concepção que enfatiza tanto o caráter simbólico dos fenômenos culturais quanto o fato de tais fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados.

A análise cultural, com relação a esta nova concepção, pode ser definida como:

O estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 1990, p. 181)

Levando em conta tais pressupostos, os fenômenos culturais devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados. Já a análise cultural deve ser vista como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas. Ou seja, enquanto formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos tanto para os atores quanto para seus analistas.

Quando nos referimos a esses contextos e processos, estamos falando de algo estruturado de diferentes maneiras. Podendo ser caracterizados, por exemplo, como relações assimétricas de poder, acesso diferenciado a recursos e oportunidades e também por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. A análise cultural, por sua vez, requer a elucidação desses contextos socialmente estruturados, assim como a sua interpretação das formas simbólicas. Ou seja, envolve a interpretação das formas simbólicas por intermédio da análise de contextos e processos socialmente estruturados.

Ao sugerir a concepção estrutural de cultura, Thompson destaca a preocupação com os contextos e processos socialmente estruturados nos quais as formas simbólicas se inserem, porém, isso não quer dizer que essa preocupação compreende toda a tarefa da análise cultural. Pelo contrário, o que é crucial nessa

linha de pensamento é a maneira pela qual a preocupação com processos socialmente estruturados se liga à atividade de interpretação.

A concepção estrutural, que não deve ser confundida com a opção metodológica “estruturalista”, vem à tona como uma alternativa à concepção simbólica, mas também como uma modificação da mesma. Sendo assim, o que Thompson propõe é uma concepção onde o simbolismo das relações culturais tenha importância, mas não só ele, como também os processos e contextos socialmente estruturados.

O autor elenca cinco aspectos que dão conta das formas simbólicas e compreendem a concepção estrutural de cultura. São estes cinco aspectos os: intencionais; convencionais; estruturais; referenciais e contextuais. É importante lembrar que todos estes aspectos citados estão envolvidos na constituição das formas simbólicas, porém a profundidade com que cada um está envolvido e a sua importância relativa diante dos outros possam variar de acordo com o exemplo de forma simbólica adotado como objeto.

Os aspectos intencionais, convencionais, estruturais e referenciais têm relação com o que se entende, comumente, pelos termos “significado”, “sentido” e “significação”. Porém como nosso objetivo não é nos aprofundarmos na Teoria do Significado, nos ateremos apenas a levantar algumas características principais destes aspectos.

Primeiramente, colocamos em questão o aspecto “intencional” das formas simbólicas. Compreendemos, com o auxílio desse aspecto, que “as formas simbólicas são expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos)” (THOMPSON, 1990, p. 183). Ou seja, toda forma simbólica é produzida, construída e empregada por alguém, que tenta expressar através da mesma suas intenções, opiniões e anseios. Logo, o sujeito que recebe estas formas simbólicas as interpreta como a expressão do sujeito que transmitiu a mensagem, não considerando que tal mensagem fosse algo proposto por forças naturais. Desta forma, ao expressar suas reais intenções nenhum sujeito tem a garantia de que, por mais elaborada que seja, a mensagem será absorvida com eficácia pelo seu interlocutor. Isto depende de uma série de fatores que acometem a bagagem sócio-cultural do receptor.

O segundo aspecto elencado por Thompson é o que chamamos de aspecto “convencional”. Esse, por sua vez, pressupõe que:

a produção, construção ou emprego de formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos (THOMPSON, 1990, p. 185).

Tais regras e códigos citados pelo autor podem variar desde simples regras gramaticais ou convenções de estilo e expressão, códigos que relacionam sinais específicos a letras, palavras ou situações – como, por exemplo, o código Morse – até a convenções que tomam conta da ação e interação entre indivíduos na tentativa de expressar-se ou de interpretar expressões alheias – como por exemplo as convenções da relação amorosa.

Outro ponto importante se dá no sentido de que as formas simbólicas podem ser codificadas de acordo com algumas convenções e regras, ao mesmo tempo que decodificada por outras, como por exemplo um texto científico, que é codificado nas regras científicas e decodificado por normas do senso comum.

O terceiro aspecto característico das formas simbólicas é o “estrutural”. No qual, segundo Thompson, “as formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada” (1990, p. 187). Sendo assim, podemos enxergar a estrutura de uma forma simbólica como “um padrão de elementos que podem ser discernidos em casos concretos de expressão, em efetivas manifestações verbais expressões ou textos” (Thompson, 1990, p. 188). Porém, este “padrão” não garante que toda forma simbólica, apenas por ser estruturada, possa ser analisada e entendida. Esse entendimento se dá apenas na análise de seus elementos internos, ou então por disponibilizar elementos externos que a concretizem.

A quarta característica das formas simbólicas é o que Thompson (1990) nomeia como aspecto “referencial”, no qual o autor afirma que “as formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa” (p. 190). É necessário, para compreender o aspecto referencial, possuir uma interpretação criativa que vai além da análise dos traços e elementos internos que busque explicar o que está sendo representado. Ou seja, ao falar no aspecto referencial das formas simbólicas é preciso levar em conta não somente as maneiras como figuras ou expressões fazem referencia ou representam algum objeto ou situação. É importante também se atentar para a maneira pelas quais, ao fazer referência ou representar algum objeto, as formas simbólicas,

costumeiramente, dizem algo sobre o objeto em questão, isto é, afirmam ou declaram algo que vai além da forma simbólica.

Com esta conotação, o termo “referencial”, pode ser interpretado de maneira bastante ampla, abrangendo o sentido geral através do qual uma forma simbólica, ou um elemento da mesma, possa, em certo contexto, substituir ou representar um objeto ou situação. Como também, mais especificamente, quando uma expressão lingüística pode, ocasionalmente, referir-se a um objeto em particular. Esse aspecto extrapola as limitações formais, pois indica que há um sentido que sempre vai além dos aspectos internos.

O último aspecto das formas simbólicas apontado nos escritos de Thompson é o que podemos chamar de aspecto “contextual”, e sua principal premissa é que “as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (1990, p. 192). Sendo assim, uma simples frase dita por alguém de maneira corriqueira carrega informações sub-textuais que estão inseridas em um contexto social estruturado. Essas informações são o contexto em que a mensagem se insere, como, por exemplo, o sotaque, entonação e modo de expressão individual. Assim, ao mudar de ambiente, a mesma frase adquire um sentido e um valor diferenciado. O que prova que o contexto em que ela é dita é de fato influente na interpretação.

5 O conceito frankurtiano de cultura (Escola de Frankfurt)

Ainda na Alemanha, um coletivo de pensadores, encabeçado principalmente por Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm e Herbert Marcuse, que também define cultura— assim como na concepção clássica — como sendo prioritariamente oriunda de manifestações artísticas e de práticas acadêmicas, é ainda mais restritivo em sua análise. Para esses pensadores, não basta preencher algum dos requisitos mencionados acima para ser classificado como cultura. Há ainda a necessidade de que a obra em questão seja singular, ou seja, não seja distribuída ou divulgada massivamente, seja através de rádio fusão, do cinema ou de outros meios. Meios de comunicação esses que para Adorno e Horkheimer tiveram papel crucial na formulação de tais pressupostos porque ao notar que:

a passagem do telefone ao rádio separou claramente os papéis. Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel de sujeito. Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações (1906-1969, p. 100).

Contemporaneamente ao “boom” dos meios de comunicação de massa na Europa, os pensadores alemães já enxergavam com uma visão negativa a sua popularização. Principalmente pelo fato do conteúdo “enlatado” que era proposto, privando a sociedade da época de se aprimorar culturalmente. Pois para eles, tal conteúdo massivo e programado não se enquadrava na *Kultur*.

Isto se deve ao que Walter Benjamin (1987) propõe em seu ensaio *A obra de arte na era de suas técnicas de reprodução*. Para ele, algo somente pode ser considerado uma obra de arte, logo uma manifestação cultural, até o momento em que ela mantém a sua singularidade, e, ao se divulgar, reproduzir ou difundir, a mesma perde a sua aura.

As técnicas de reprodução destacam do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que multiplicam a reprodução, substituem a existência única por existência serial. E na medida em que essas técnicas permitem à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, elas atualizam o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam em um violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. Seu agente mais poderoso é o cinema. Sua função social não é concebível, mesmo em seus traços mais positivos, e precisamente neles, sem seu lado destrutivo e catártico: a liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura (BENJAMIN apud RÜDIGER, 2001. p. 136).

Os frutos dessa reprodução massiva eram classificados como pertencentes à indústria cultural. Conceito esse criado por Adorno e Horkheimer, que tratava da comercialização de bens culturais sob a premissa de democratização da cultura. Porém, para os autores, segundo Francisco Rüdiger (2001, p. 134), essa é uma premissa enganadora e que prova “como os meios do Iluminismo progressista podem, no limite, se transformar em expressões de barbárie tecnológica”. Nas palavras dos próprios autores:

Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens à ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê

concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo” (ADORNO; HORKHEIMER apud RÜDIGER (2001. p. 134).

O papel da Indústria Cultural, para os pensadores frankfurtianos, era visto negativamente, e conseqüentemente, seus produtos científicos da época tratavam, comumente, sobre esse tema. Um dos pontos em que ela era duramente criticada era sob a perspectiva do consumidor:

O fornecimento ao publico de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma qualificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seus *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (ADORNO, HORKHEIMER, 1903-1969, p.102).

A prática de consumo pregada pela Indústria Cultural era vista como um retrocesso para a humanidade, pois limitava o homem a consumir o “conteúdo enlatado” proposto, abrindo mão do pensamento crítico. Nas palavras do autor,

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro – paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO; HORKHEIMER, 1903-1969, p. 104).

Visto isso, concluímos que a Escola de Frankfurt é mais restritiva em relação à concepção clássica de cultura e mais ainda em relação à concepção Iluminista, uma vez que não restringe as práticas culturais apenas às atividades de enobrecimento do indivíduo, mas inclui a exigência de que elas sejam singulares a fim de não perder as suas auras.

6 O conceito dos estudos culturais

Outro grupo de pensadores surgido, desta vez na Inglaterra, com o intuito de estudar as práticas culturais foi o que atendia pelo nome de *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS). A primeira diferença a ser apontada no pensamento desse grupo em relação às demais correntes teóricas européias estudadas se dá pelo fato

de que para ele não somente a cultura erudita e as artes mereciam ser objeto de estudo. Tais pensadores acreditam também que a cultura comum ou ordinária, que é aquela que se dá no dia a dia da população que não tem acesso à alta cultura, também “pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das artes, literatura e música” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 152).

Além da diferença acima citada, há outros pontos em que os estudos culturais divergem das demais correntes teóricas:

O grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressas mais notavelmente através do discurso e da representação – que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado (AGGER apud ESCOSTEGUY, 1992, p. 89).

Assim como para Geertz, nos estudos culturais começa a ser encarada com a devida importância a produção de sentido através dos agentes da cultura. Ou seja, passa-se a levar em conta, na análise cultural, o que cada indivíduo tem a dizer, como ele se imbuí da comunicação para transmitir essa mensagem e como tal mensagem chega até seu receptor, mensurando se a mensagem surtiu o efeito interpretativo desejado ou não.

Outro ponto importante de diferenciação do pensamento dos estudos culturais é que foi aqui que os estudos da cultura passaram a ser enxergados não como pertencentes exclusivamente à sociologia ou então à antropologia. A ideia dos estudos culturais afirmava que “o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo antidisciplinar” (SCHWARZ apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 158).

Nota-se, então, que o pensamento dos estudos culturais surgiu em meio ao “descentramento” do sujeito moderno, onde sua identidade e forma de pensar foram sofrendo diversas alterações. Tais alterações foram impulsionadas por diversos fatos históricos, como a Reforma e o Protestantismo ingleses, que libertaram a consciência das instituições religiosas; o Humanismo Renascentista, que deu margens ao antropocentrismo, ou seja, o homem como centro do universo; as revoluções científicas que atribuíram ao homem capacidade de investigação e

domínio sobre o que era postulado pela ciência; e, principalmente, o Iluminismo, que era centrado na imagem do homem racional, livre dos dogmas e da intolerância enraizados há séculos, refletem diretamente na maneira com que o indivíduo passa a enxergar as práticas culturais, passando a ver de maneira mais abrangente as mesmas, considerando, agora, não só as atividades de enobrecimento da mente, ou práticas eruditas como sendo cultura.

Sendo assim, as suas principais contribuições ocorrem pelo fato de, aqui, a cultura começar a ser interpretada como qualquer manifestação popular tradicional de certo povo, e que essas manifestações variam de lugar para lugar, mas sem perder os seus valores culturais por isso.

UNIDADE II – O que a ASHPA quer dizer quando diz cultura?

Na Unidade I exploramos diferentes conceitos de cultura postulados dentro e fora do campo da antropologia. Esses conceitos foram: o conceito Iluminista de cultura; o conceito antropológico clássico, também conhecido como concepção descritiva de cultura; o conceito interpretativo de cultura, também nomeado como concepção simbólica; o conceito estrutural de cultura; o conceito criado pelos pensadores da Escola de Frankfurt e também o proposto pelos estudos culturais, sejam eles britânicos ou latino-americanos. E o propósito de estudá-los é gerar um embasamento teórico capaz de suprir a demanda da Unidade II.

Na Unidade II, permanecemos na problemática envolvendo os conceitos de cultura, porém, agora nos apropriamos de uma situação atual, implicando uma instituição que se diz “cultural”, para entendermos o que, exatamente, tal instituição quer dizer quando diz “cultura” e/ou “cultural”. Em outros termos, queremos avaliar se a mencionada situação usa, por exemplo, um dos conceitos estudados, ou se usa a cultura num sentido banal (não conceitual) ou ainda se apenas se aproxima de um dos conceitos estudados.

Para realizarmos essa avaliação aplicamos uma entrevista semi-estruturada, ou semipadronizada, com o presidente da Associação de Skate e Hip-Hop de Pouso Alegre, Wesley de Carvalho, com o intuito de averiguar, sem perguntas diretas, qual é a sua visão, e, por conseguinte, da instituição sobre a conotação com que eles usam o termo “cultura” ou “cultural”.

A entrevista semi-estruturada é uma metodologia de pesquisa criada a fim de “libertar” o entrevistado de possíveis respostas fechadas, ocasionadas por perguntas fechadas. Sendo assim, o entrevistador apenas lança temas chave que suportem e guiem a discussão sem que a mesma se distancie do objeto, porém, fazendo com que o entrevistado não se limite e diga tudo o que pensa a respeito do assunto. Em termos técnicos, busca extrair do entrevistado sua “teoria subjetiva” sobre o objeto em questão. Quando Uwe Flick (2009, p. 148) usa o termo “teoria subjetiva”, “refere-se ao fato de os entrevistados possuírem uma reserva complexa de conhecimento sobre o tópico em estudo. Por exemplo, as pessoas têm uma teoria subjetiva a respeito do câncer”. Em síntese, a função de realizar uma entrevista que fuja da estética padronizada de perguntas e respostas é estimular que as respostas também

fujam do convencional, extraindo do entrevistado o que há de mais subjetivo em relação ao tema.

Além da entrevista semi-estruturada, analisamos os materiais de divulgação da ASHPA, sejam eles peças gráficas, matérias jornalísticas ou conteúdo para *web*, a fim de descobrirmos em qual sentido a palavra “cultura” é empregado nos mesmos. Para isso, escolhemos algumas peças em que a palavra “cultura” se faz presente.

Para podermos identificar quais conceitos de cultura tem maior relação com a ASHPA, seja por aproximação ou distanciamento, utilizamos a lógica indutiva, visto que a mesma tem uma característica em comum com os estudos da cultura postulados após a criação da antropologia: consiste em levar em consideração as particularidades do indivíduo (ou do grupo), não tendo a generalização como parte relevante no processo (GIL, 2007, p. 29). Sendo assim, a ideia é analisarmos ações e eventos pontuais realizados pela ASHPA, com a intenção de delimitar quais os conceitos de cultura melhor se relacionam com a associação, sempre partindo de uma análise de cada caso individual a fim de chegar a uma conclusão geral.

1 Entrevista

O procedimento metodológico utilizado na entrevista semi-estruturada é diferente dos demais modos de realizar uma entrevista. Nele o entrevistador apenas lança temas chave que suportem e guiem a discussão sem que a mesma se distancie do objeto, porém, fazendo com que o entrevistado não se limite e diga tudo o que pensa a respeito do assunto. Em termos técnicos, busca extrair do entrevistado sua “teoria subjetiva” sobre o objeto em questão. Quando Uwe Flick usa o termo “teoria subjetiva” ele “refere-se ao fato de os entrevistados possuírem uma reserva complexa de conhecimento sobre o tópico em estudo. Por exemplo, as pessoas têm uma teoria subjetiva a respeito do câncer” (FLICK, 2009, p. 148). Em síntese a função de realizar uma entrevista que fuja da estética padrão de perguntas e respostas é estimular que as respostas também fujam do convencional, extraindo do entrevistado o que há de mais subjetivo em relação ao tema. Assim como postulou Manzini (1990/1991, p. 02):

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A forma com que as questões são formuladas e dispostas é de fundamental importância para o desenvolvimento satisfatório da pesquisa. Inicialmente o condutor da entrevista, também chamado de “guia”, menciona vários tópicos a fim de introduzir a discussão. Após isso, formula questões abertas, que, segundo Flick (2009, p. 149), “podem ser respondidas com base no conhecimento que o entrevistado possui imediatamente a mão”.

Outro ponto importante de abordagem ressaltado pela autora é o que ela chama de “perguntas controladas pela teoria e direcionadas para as hipóteses”. São perguntas voltadas para a literatura científica sobre o tópico, ou com base nos pressupostos teóricos do pesquisador. Essa abordagem tem o propósito de explicitar o conhecimento que o entrevistado possui a respeito das teorias estudadas pela pesquisa. As suposições planejadas são lançadas ao entrevistado, podendo o mesmo aceitá-las ou não conforme essas correspondam às suas teorias subjetivas.

Sendo assim, optamos por não utilizar desse tipo de abordagem, visto que a mesma implica no debate de pressupostos teóricos de Comunicação, Antropologia e Sociologia, conhecimentos esses que o entrevistado não possui. Ao invés disso, elaboramos perguntas que extraíam de seu discurso temas que relacionem, ainda que indiretamente, os pressupostos teóricos estudados nesse trabalho com as atividades promovidas pela ASHPA.

1.1 Explicação da técnica

Ao optar pelo procedimento metodológico da entrevista semi-estruturada, elaboramos perguntas que buscam incitar o entrevistado a falar sobre a associação e sobre como é a sua visão acerca das ações realizadas pela mesma. Sendo assim, o aporte teórico dado pela construção da Unidade I é usado não para direcionar as respostas do entrevistado, mas sim como embasamento para avaliá-las depois da realização da entrevista.

Visto isso, estabelecemos as perguntas a serem feitas ao entrevistado via Skype. São elas:

- 1: Fale sobre a ASHPA:
- 2: Você considera que as atividades realizadas pela ASHPA tem cunho cultural? (Caso a resposta seja sim:) Por que você pode dizer isso?
- 3: Ao realizar as atividades propostas, como você acha que a ASHPA está contribuindo com os jovens locais?
- 4: E ao contribuir culturalmente para esses jovens, você acha que eles se tornam mais preparados para serem bem sucedidos? De que forma?
- 5: Em que ponto, na sua opinião, está a relação entre o sucesso profissional/pessoal e as práticas culturais?
- 6: Além do projeto “Hip Hop Itinerante”, citado na matéria jornalística que estudamos, quais outros projetos a ASHPA já executou?

1.2 Análise da entrevista

Para analisar a entrevista realizada com o presidente da ASHPA, Wesley de Carvalho, destacamos trechos da mesma em que é cabível alguma relação entre as atividades da associação e os conceitos de cultura apresentados na Unidade I. Os demais trechos, que não oferecem margem para reflexão teórica, não são apresentados neste tópico.

Inicialmente, o presidente começa trazendo um breve histórico sobre a criação e as atividades realizadas pela ASHPA, falando sobre a sua representatividade no cenário Pouso Alegre. Quando perguntado sobre sua opinião se a ASHPA produz atividades culturais, Wesley ressalta o retorno que a comunidade carente costuma dar aos integrantes da ASHPA após os eventos. Outro ponto em que ele toca também é a facilidade de trabalho em conjunto com pessoas que tem interesse na produção do que ele denomina “cultura alternativa”, ou seja, voltada para as minorias.

Para ele, a *“ASHPA tem contribuído com os jovens locais principalmente no movimento da periferia. O fato de alimentar, apoiar e estimular ações culturais, fomentando artistas culturais. Pois isso valoriza a autoestima e atribui valores a ele (jovem) e também atribui responsabilidade a ele, gerando retorno à comunidade. [...]*

O Hip Hop oferece a possibilidade de militância. Você não é só um artista, você é um artista que prega uma ideologia. E o Hip Hop é carregado de ideologia. Se você canta rap e não está ligado ao Hip Hop seu rap servirá para propagar o crime. Se você canta rap e está ligado ao Hip Hop, o seu rap vai falar das coisas que precisamos mudar, das armadilhas, do que pode e o que não pode ser feito. Você aumenta a autoestima deles, criando possibilidades diferentes, até mesmo de melhorar a renda familiar”.

Nesse trecho, podemos estabelecer relações entre as práticas da ASHPA e alguns elementos do conceito iluminista de cultura, sobretudo, no que tange a ideia de cultura como enobrecimento das faculdades mentais; porém, tal enobrecimento, não se dá através de atividades acadêmicas como defendiam os iluministas, mas sim de vivências culturais e imersão em realidades culturais até então desconhecidas.

Podemos, também, estabelecer relação com os estudos culturais britânicos, na medida em que o entrevistado cita o “movimento da periferia”. Pois para os estudos culturais britânicos, a cultura dos “de baixo” é também levada em conta, diferentemente de outras correntes teóricas em que somente cultura erudita era válida. Essa “cultura dos de baixo” citada é vista como forma de militância, que também é citada pelo entrevistado. Ou seja, aqui a cultura é vista como um movimento de resistência da identidade cultural da população de menor poder socioeconômico. Diferente do que defendia o marxismo, os estudos culturais britânicos defendem que a cultura popular, ou marginal, não reproduz apenas a cultura dos poderosos economicamente, mas, pelo contrário, é capaz de produzir ideologias próprias. Como, por exemplo, a cultura Hip-Hop criada e praticada pela e na periferia.

Além disso, o presidente cita a constante evolução dos jovens envolvidos com os eventos da associação: *“Criando eventos, você dá espaço para os jovens desenvolverem seu interesse pela cultura, para apresentar sua arte. Criando uma sequência de eventos, os jovens saberão que ano que vem haverá outro evento para quem não participou, fazendo ele se qualificar para participar do próximo. Quem já participou vai querer melhorar sua performance para o próximo. Obrigando a evolução entre eles, trabalhando mais, estudando mais, escrevendo e desenhando cada vez mais. [...] Se não houver um espaço para os jovens apresentarem a sua arte eles deixarão de produzi-la”*.

Esse trecho da entrevista continua divagando sobre a evolução do jovem através das atividades propostas pela associação, mantendo ainda a relação com o enobrecimento das faculdades mentais como citado acima. Outro ponto que estabelece relação, porém, dessa vez, de distanciamento, com os pressupostos teóricos da Unidade I, dá-se no sentido de que o incentivo e realização de eventos para a divulgação massiva dos materiais culturais produzidos pelos interlocutores da ASHPA é algo que seria duramente criticado no pensamento frankfurtiano, no ponto de vista de que aquelas manifestações artísticas não seriam dotadas de aura, pois são reproduzidas em massa e, além disso, gravadas e publicadas nas redes sociais para atingir maior público. Porém, se nesse sentido as atividades da ASHPA se distanciam da Escola de Frankfurt, do ponto de vista de quem vê com bons olhos a propagação da cultura, as atividades são vistas como positivas, pois desde a criação da Associação de Skate de Hip Hop de Pouso Alegre o que é proposto são atividades que fujam do conteúdo de entretenimento “enlatado”, pois antes do surgimento da mesma a cidade de Pouso Alegre tinha, no seu cenário cultural, apenas o que é comum a cidades do interior, poucos projetos que realmente visassem o desenvolvimento social. E ao citar esse desenvolvimento social pretendido pela ASHPA, nos distanciamos ainda mais dos postulados da Escola de Frankfurt, visto que para os alemães somente era considerado desenvolvimento social aquele que fosse esclarecido e desenvolvimento pelo próprio indivíduo.

Quando perguntado sobre como a ASHPA pode contribuir para o desenvolvimento social dos jovens atingidos, Wesley comenta: *“O que a gente faz questão de frisar nesses projetos é que o objetivo não é transformar o jovem num pop star, não queremos que ele vire um desenhista famoso. Isso se dará pela sua persistência, pelo seu estudo. Mas nós queremos que ele se torne uma boa pessoa, primeiramente. Queremos que ele tenha um respeito pelo movimento. Assim a família dele vai ganhar, ele vai ganhar e Pouso Alegre vai ganhar”*.

Essas declarações mantêm a importância do desenvolvimento das faculdades mentais, assim como as demais. E também reforça a ideia de que não há uma hierarquia cultural, assim como postulam os estudos culturais, pois a proposta de melhoria da cidade de Pouso Alegre por meio da ASHPA não parte de nenhuma forma erudita de cultura, e sim da cultura popular oriunda da periferia. Sendo essa última tão importante quanto as demais. Porém, ao citar que a ASHPA tem intenção de tornar seu interlocutor uma “boa pessoa”, o entrevistado faz uso do senso

comum, pois não estabelece critérios objetivos para classificá-la como boa pessoa. Outro ponto citado durante a entrevista gira em torno da questão da interdisciplinaridade, muito abordada por Geertz, em sua concepção simbólica de cultura, e ainda mais nos estudos culturais. Tal interdisciplinaridade se mostra evidente na fala do entrevistado no seguinte momento “*Se o cara faz parte do Hip-Hop, mas não sabe desenhar ou cantar, ele pode ser fotógrafo, jornalista, construir blogs. São quatro elementos, mas você pode trabalhar em várias áreas. Os quatro elementos não são fechados, o leque é muito mais aberto. Às vezes ele pode ser formado em jornalismo, criar um jornal, um zine. Pode também trabalhar na área da produção musical. A área é grande*”.

Analisados os trechos mais relevantes da entrevista realizada, concluímos que não há uma teoria que contemple plenamente, e por si só, as atividades da ASHPA. Assim, concluímos que a associação se imbuí, ainda que sem intenção, de diversos pontos das teorias estudadas na Unidade I, que são: a concepção iluminista de cultura; a concepção adotada pela antropologia clássica, conhecida também como concepção descritiva; o conceito interpretativo de cultura, conhecido como concepção simbólica; o conceito estrutural de cultura; o conceito da Escola de Frankfurt de cultura; e, por fim, o conceito de cultura postulado pelos teóricos dos estudos culturais, ora se aproximando de uma corrente de pensamento, ora de outra na elaboração de suas atividades culturais. Sem elencar uma das teorias como principal vertente e também sem abdicar de todas elas, abrindo mão da utilização de algum pressuposto teórico como pano de fundo, ainda que sem intenção.

2 Materiais comunicacionais

2.1 Explicação da técnica

A fim de entendermos como os materiais comunicacionais da ASHPA estabelecem relação, seja ela de proximidade ou distanciamento, com os conceitos de cultura abordados na Unidade I, analisamos alguns materiais de comunicação produzidos pela e sobre mesma. Mais especificamente uma peça publicitária de divulgação de um evento público produzida pelos próprios integrantes da ASHPA e veiculada na *fanpage* da associação e uma matéria jornalística publicada no dia 15 de julho DE 2011, pelo jornal impresso Diário de PA, veiculado na região de Pouso

Alegre – MG. Primeiramente, voltamos nossos esforços à análise da referida peça publicitária desenvolvida para a mídia digital exibida abaixo:



O critério de seleção utilizado para a escolha desse material para a análise é baseado no aparecimento da expressão “cultura Hip Hop”, com enfoque maior na palavra “cultura”, a fim de delimitar em quais pontos abordados pelas diferentes teorias apresentadas na Unidade I fazem relação, direta ou indireta, com tudo o que tange a comunicação da ASHPA. Seja dada essa relação pelo o evento, pelas atividades realizadas, pela a música, ou por quaisquer outros pontos da interação público/associação.

A outra peça a ser estudada é uma matéria jornalística publicada em 15 de julho de 2011, pelo jornal impresso Diário de PA, veiculado em Pouso Alegre – MG e região. O critério adotado para a utilização da mesma, como objeto da pesquisa, é que, mesmo não se tratando literalmente de um material publicitário, o mesmo possui caráter persuasivo, pois tenta vender as ideias e propostas difundidas pela ASHPA. A matéria na íntegra se encontra digitalizada a baixo:

MUITO ALÉM DO HIP HOP

Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre mostra como a cultura de rua pode ser ferramenta de inclusão social

Como unir as culturas urbanas a um novo jeito de promover inclusão? A Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre – Ashpa – encontrou uma boa forma para resolver a questão: mobilização social. A ideia surgiu há dois anos e já tem grandes resultados: um dos projetos da Ashpa é o evento Hip Hop Itinerante que só neste ano fez com que mais 2 mil pessoas conhecessem melhor as manifestações artísticas, esportivas e intervenções da cultura Hip Hop em Pouso Alegre.

“Nossa ideia surgiu de um grupo de amigos que se reunia, quase sempre, na Praça João Pinheiro ou nas pistas de skate. Então começamos a fazer os eventos que foram crescendo e o interesse de outras pessoas também. A Associação começou com esse objetivo de organizar melhor nossos eventos e fazer com que mais gente pudesse participar, principalmente, usar o Hip Hop para integrar as pessoas e facilitar o acesso de todos à cultura”, explica Wesley de Carvalho, atual presidente da Ashpa.

Nesses dois anos de existência, entre a organização de um evento e outro, Associação também cresceu. Hoje, a Ashpa tem presidente (Wesley Carva-

lho), tesoureiro (Leandro da Silva), secretário (Luiz Carlos) conselheiro (Andrei Borges) e suplente (Armando Júnior), além de cada projeto com seus coordenadores. “Já estamos nos organizando melhor para ter uma sede própria. Assim, a gente tem mais um espaço para a galera ‘colar’ [se reunir]. Agora, nossa intenção é transformar a Associação em bem de utilidade pública”, conta.

O sucesso das realizações da Ashpa está justamente em unir o trabalho dos associados às iniciativas públicas e privadas. “Conseguimos inserir o evento Hip Hop Itinerante na Lei de Incentivo à Cultura, o que tornou possível ter um evento de grande porte. Hoje, nós temos um relacionamento muito bom com a Prefeitura da cidade e, principalmente, com a Secretaria de Cultura. Considero que essa Secretaria tem uma ação revolucionária por esta-




mos no interior. Poucas são as cidades de Minas Gerais que têm um trabalho de valorização do Hip Hop como esse. Essa visão por parte da Prefeitura é muito importante porque a Associação tem o papel de quebrar o preconceito que o movimento Hip Hop ainda encontra”, afirma o presidente.

“É muito bom poder divulgar essa cultura urbana. Nos eventos, nós recebemos um retorno muito bacana de senhoras e senhores de idade, mães que vêem seus filhos participando das atividades. Isso mostra que as pessoas precisam conhecer para entender melhor”, explica Leandro da Silva, tesoureiro da Associação.

Para o Secretário Municipal de Cultura, Rafael de Carnargo Huhn, a iniciativa da Associação, além de ser uma

ferramenta de fomento à cultura de Pouso Alegre, tem também importante papel social. “Nós entendemos o Hip Hop como um movimento fundamental para a cultura de Pouso Alegre. O Hip Hop fala a língua do jovem, por isso fazemos questão de dar todo o apoio para os eventos, valorizar as iniciativas da Associação”, explica o Secretário.

Apesar de ter começado com o Hip Hop, segundo o presidente, hoje, a Ashpa tem uma abrangência ainda maior: “Temos setores divididos dentro da Associação: temos Basquete de Rua, que já está bem organizado, participamos de campeonatos e conseguimos comprar nossas próprias tabelas; o Rock, com ações voltadas ao estilo; o BMX, que são as manobras com bike, o Setor de

Documentário, que tem projetos voltados ao registro das ações ligadas à cultura urbana; o Setor de Skate; e o Hip Hop, que cuida da dança com os B-boys, DJs, MCs e grafite, um dos nossos setores mais atuantes”.

Uma das ações é o Coletivo Studio, um espaço aberto aos MCs para gravação profissional de raps. O estúdio fica no bairro Santo Antônio e nasceu pela iniciativa dos DJs Akilo e Bigode. Agora, o espaço está sendo totalmente reformado, com modernização dos equipamentos e ampliação das instalações. O trabalho no Studio é realmente coletivo. Cada pessoa contribui com o que pode e como pode. Assim, com a colaboração de todos, fica muito mais fácil produzir o som.

Entre os maiores projetos da Ashpa estão Elemento X, que trabalha o grafite com artistas plásticos que fazem intervenções pela cidade; o Ring de MCs, que é a disputa musical entre rappers que compõem na hora e são avaliados pela plateia; e mais o projeto que está em fase de implantação, o Cine Periferia, que exibirá documentários de curta metragem sobre periferias brasileiras e a cultura de rua nas escolas de Pouso Alegre.

O intuito da análise de tais peças, como já mencionado antes na parte que abrange os procedimentos metodológicos, está em delimitar em quais momentos a forma com que a associação se utiliza da expressão “cultura” converge com determinados conceitos abordados na Unidade I. Para isso, analisamos, sob a ótica da comparação, as diversas concepções apresentadas, nos organizando sempre baseados em uma ordem cronológica. Diferente da análise da entrevista, que é disparada pela análise de seus fragmentos, a análise dos materiais comunicacionais é disparada pelos conceitos da Unidade I. Ou seja, são os conceitos estudados que nos levam aos materiais de comunicação e às propostas da associação.

2.2 Análise das peças (publicitária e jornalística)

Para a realização dessa análise, é necessário partir do pressuposto de que as observações feitas acerca dos materiais de comunicação vão além das peças, simplesmente, porque a ideia de que a comunicação tenta vender não se dá

somente no momento em que o interlocutor observa a peça produzida. Ela se dá em todos os momentos do processo, seja nos eventos realizados, nas oficinas oferecidas ou até mesmo no discurso dos integrantes da associação.

Respeitando a mencionada ordem cronológica dos acontecimentos, nos atemos primeiro a analisar quais pontos da concepção de cultura proposta pelos pensadores iluministas podem ou não ser relacionados, primeiramente, ao material de comunicação produzido pela Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre para divulgar um campeonato de *Street Ball* através do Facebook.

O caráter progressista citado por Thompson (1990) é, basicamente, o principal pressuposto a ser relacionado com as atividades da ASHPA dentro da concepção iluminista de cultura. Visto que a associação busca melhorar a vida dos jovens que se envolvem com ela através de atividades ligadas ao skate e Hip Hop, sempre buscando oferecer melhorias e uma rotina que afaste os jovens dos perigos das ruas. Porém, o sentido progressista adotado pelos iluministas gira em torno do enobrecimento das faculdades mentais, das boas maneiras e do refinamento. Fatores esses que dentro da cultura Hip Hop não são levados em conta, ao invés disso esse enobrecimento se liga à liberdade de expressão, formas artísticas de manifestação do pensamento, expressão corporal e até o desenvolvimento de habilidades fora do comum, como a do skate, do *break dance*, das batalhas de rimas entre outras. Sendo assim, podemos estabelecer relações com os estudos culturais latino-americanos, pois essa é uma vertente que, ao contrário dos estudos culturais britânicos, não se atenta tanto à resistência, mas sim à mistura de expressões. Mistura essa que é notória nas realizações da ASHPA, que busca miscigenar a cultura Hip-Hop com outras práticas culturais já fundamentadas em Pouso Alegre.

A falta de interesse no enobrecimento das faculdades mentais e no refinamento da postura fica ainda mais evidente quando notamos alguns erros de português no cartaz digital elaborado para divulgação do campeonato de *Street Ball*. A palavra “comemorar” aparece grafada incorretamente, sem o último “r”, além disso, há um acento agudo sendo usado como crase, o espaçamento está incorreto, faltam vírgulas e há ainda a palavra “vamos” que possui uso coloquial. O que demonstra claramente que a importância para os organizadores do evento não está em passar uma boa impressão no sentido intelectual, mas sim cativar o público através de elementos como o basquete, skate e a cultura Hip Hop.

Em suma, as atividades realizadas pela ASHPA se aproximam da concepção iluminista no sentido de que também buscam o desenvolvimento progressista de seus agentes. Porém, se distanciam quanto à forma desse desenvolvimento progressista, pois o mesmo não se dá através do enobrecimento das faculdades mentais, tampouco das boas maneiras.

A segunda corrente teórica a que nos atemos é postulada por E.B. Taylor, e chamada de concepção descritiva, ou de conceito da antropologia clássica. É aqui que o estudo das manifestações culturais passa a ser tomado como objeto pela antropologia, ciência que estuda o homem. Essa apropriação pela antropologia é, de fato, algo muito importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, visto que as atividades realizadas pela ASHPA são também feitas por homens (integrantes da associação) e para os homens (público). A princípio podemos pensar que essa é uma relação superficial, porém, não é. O fato das atividades propostas serem elaboradas para os homens implica num método de elaboração em que as particularidades sejam levadas em conta, em que não hajam padrões a serem seguidos.

É aí que nos distanciamos do que Taylor propõe, pois na ânsia de se igualar às outras ciências, a antropologia se sujeitava a critérios formais de análise, fato esse que não pode, a nosso ver, ocorrer quando o objeto em questão está ligado a pessoas. Mesmo porque as pessoas são diferentes umas das outras e os seus pensamentos também. Vale ressaltar que os argumentos acima não se dão em relação à peça analisada, mas sim ao modo como nosso trabalho se inclina em sua análise.

Logo, as atividades propostas pela ASHPA, por não se submeterem a critérios formais de análise, se distanciam da concepção descritiva de cultura. O único ponto em que ambas convergem tem relação com o caráter progressista, que ainda se mantém vigente desde o iluminismo.

Já a vertente postulada por Clifford Geertz, denominada concepção simbólica, é um pouco menos restritiva. Para ela, a leitura de uma sociedade se dá em todos os momentos, e a mesma pode ser lida como um texto. Um ponto importante para ser analisado na teoria de Geertz é que, para ele, o antropólogo precisa estar imerso na cultura estudada para conseguir compreendê-la satisfatoriamente. E assim é também com a ASHPA. Sem participar das atividades propostas por ela, o público pode ter uma visão equivocada da associação, visto que o Hip Hop e o skate ainda

são manifestações culturais ligadas à marginalidade. Sendo assim, somente estando imerso nela é que se pode compreender, com mais propriedade, suas propostas.

Assim, ao utilizar a frase “vamos comemorar o aniversário da nossa cidade com muito basquete, cultura Hip Hop e skate”, a ASHPA convida a população a se inserir no meio dela, fazendo com que os mesmos afirmem se a associação realiza ou não um trabalho interessante. Logo, a relação entre a concepção simbólica e as atividades da ASHPA está ligada no sentido de que somente estando inserido no meio é que seremos capazes de entender a qualidade das mesmas, pois não há uma tabela empírica que o faça.

A relação que podemos fazer entre o conceito de cultura que Thompson (1990) denomina conceito estrutural de cultura e as atividades da ASHPA se dá no sentido de que ambos levam em conta as formas simbólicas de representação, mas também consideram a estrutura para que isso seja possível. Ou seja, mesmo que os aspectos práticos e engessados não sejam a principal forma de quantificar e qualificar as relações sociais há de se levar em conta as estruturas existentes para que isso ocorra. Tentando trazer um exemplo prático da associação, podemos dizer que a “evolução”, ou “aprimoramento” ocorrido nos interlocutores da associação é muitas vezes simbólico, pois não é palpável. Porém, a evolução somente existe graças à estrutura em que esses jovens se inserem. Se fossem jovens vindos de outras classes sociais, com maior poder aquisitivo, a necessidade de realização de atividades que visassem tirá-los dos perigos das ruas não existiria.

Para os pensadores alemães da Escola de Frankfurt, a visão das palavras “cultura” e “civilização” era diferente da que os ingleses e franceses contemporâneos ao iluminismo possuíam. Como citado na Unidade I, os franceses e ingleses viam cultura e civilização como sinônimos. Já para os alemães (tanto para os alemães iluministas quanto para os de Frankfurt), cultura estava ligada apenas ao desenvolvimento intelectual e artístico. Sendo assim, na visão deles, somente poderia ser considerado “cultura” aquilo que fosse fruto do esforço individual do pensamento. Além disso, tudo aquilo que fosse reproduzido massivamente não poderia mais ser considerado como cultural, pois perdia sua aura.

Relembrados esses pressupostos, podemos chegar à conclusão de que o pensamento da Escola de Frankfurt é o que mais se distancia das práticas propostas pela ASHPA, pois a mesma é uma associação que vê como prática cultural todo e qualquer tipo de manifestação artística vinda do povo e para o povo. Os exemplos

de manifestações populares trabalhadas pela mesma são inúmeros: grafitti, skate, dança de rua, batalha de rimas, basquete etc. Além disso, no cartaz em que focamos nossos estudos, há um erro de português (proposital ou consequência de uma postura não atenta). Isso inviabiliza toda e qualquer relação entre o mesmo e a cultura erudita.

A questão da perda da aura através da reprodução nos meios de massa também não é levada em conta pela ASHPA. Visto que para divulgar suas ações e eventos, a associação se vale dos meios de comunicação mais abrangentes na cidade, como rádio, redes sociais e até mídias alternativas como cartazes e folders espalhados pela cidade.

Em síntese, os principais pressupostos da escola de Frankfurt, que são referentes à manutenção da aura e à erudição da cultura, não representam relação alguma com as atividades da ASHPA, fazendo com que essa escola de pensamento seja a mais distante da associação.

O último conceito utilizado como pano de fundo para a reflexão acerca das peças analisadas é o proposto pelos estudos culturais. Considerada uma das linhas de pensamento mais abrangentes, é a primeira que passa a ver as manifestações de cultura popular com o mesmo valor das manifestações eruditas, não estabelecendo uma “hierarquia cultural”.

Apenas por esse fato, a concepção dos estudos culturais já seria uma das mais próximas às propostas da ASHPA. Porém, além disso, os estudiosos do CCCS concordavam com a ideia de interdisciplinaridade postulada por Geertz em seu livro *A interpretação das culturas*. Para eles, o estudo da cultura não cabe apenas à sociologia, ou a antropologia. Mas sim à união de várias disciplinas a fim de buscar uma visão mais ampla sobre o tema, que é tangente a todos os seres humanos, e não só aos que estudam determinada área. Esse ponto também é importante na relação com a ASHPA, pois seus colaboradores são oriundos de várias áreas diferentes, como história, direito, ciências contábeis, artes plásticas e outras. O que não garante interdisciplinaridade, porém, dá às atividades realizadas um campo interdisciplinar em potencial. Por fim, o que podemos concluir é que não há nenhum conceito exclusivamente que se aproxime mais das atividades realizadas pela Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre, mas sim que cada um dos conceitos apresentados na Unidade I tem pontos em que a associação converge e também pontos em que ela diverge. O que nos leva a crer que ao dizer a palavra

“cultura”, os integrantes da ASHPA não se valem de nenhum dos conceitos especificamente, mas sim de uma mistura entre os preceitos do senso comum e as vivências de cada um dos integrantes nas ruas.

A outra peça analisada é a matéria jornalística veiculada no periódico Diário de PA, no dia 15 de julho de 2015 na cidade de Pouso Alegre e região. Mesmo não se tratando de uma peça publicitária, a análise é cabível, pois a matéria tem intenção de persuadir os leitores a participar dos eventos e atividades da associação.

Para analisar a reportagem, transcrevemos trechos da mesma em que a palavra “cultura” é utilizada, e estabelecemos as relações entre tais trechos e as realizações da ASHPA, seguindo lógica semelhante à da análise da entrevista por nós realizada com um integrante da ASHPA, ou seja, utilizando fragmentos das falas dos integrantes para estabelecer relação com os conceitos abordados na Unidade I. O primeiro trecho recortado da matéria é uma fala do presidente da ASHPA, Wesley de Carvalho, que diz: *“A associação começou com esse objetivo de organizar melhor nossos eventos e fazer com que mais gente pudesse participar e, principalmente, usar o Hip Hop para integrar as pessoas e facilitar o acesso de todos à cultura”*. Nesse sentido, a fala do presidente aproxima a associação do que propõe os estudos culturais, pois é nele que a cultura perde a ligação com o enobrecimento das faculdades mentais, ou com a cultura erudita. E no conceito descritivo, o todo mais complexo citado por E.B. Thompson, que envolve tudo o que o homem produz. Assim, tal afirmação vai contra o que a Escola de Frankfurt propunha, pois não era a intenção da mesma reproduzir massivamente as manifestações culturais, muito menos gerar uma ferramenta de interação social através da arte.

Outro trecho estudado é o expresso por Leandro da Silva, tesoureiro da ASHPA: *“É muito bom poder divulgar essa cultura urbana. Nos eventos, nós recebemos um retorno muito bacana das senhoras e senhores de idade, mães que veem seus filhos participando das atividades. Isso mostra que as pessoas precisam conhecer para entender melhor”*. Nessa declaração, podemos notar um distanciamento da concepção descritiva de cultura, na medida em que a ASHPA abre mão dos critérios formais e empíricos de análise, e, quando diz “conhecer melhor para entender melhor”, nos remete à concepção simbólica, em que o pesquisador precisa estar inserido no meio pesquisado para assim poder realizar uma descrição densa. (Vale ressaltar que alguns pensadores da concepção descritiva já se utilizavam do método etnográfico e da inserção).

Outro depoimento importante presente na matéria é o do, na época, Secretário Municipal de Cultura, Rafael Hunn. Para o secretário, a iniciativa da associação, além de ser uma ferramenta de fomento à cultura, tem também importante papel social. Nas palavras dele: *“Nós entendemos o Hip Hop como um movimento fundamental para a cultura de Pouso Alegre. O Hip Hop fala a língua do jovem, por isso fizemos questão de dar todo o apoio para os eventos, valorizar as iniciativas da associação”*. Ao citar que o Hip Hop utiliza-se da linguagem do jovem, há um distanciamento também da concepção frankurtiana de cultura, pois a mesma pregava pela erudição, e também da concepção iluminista, que acreditava que toda prática cultural deveria estar ligada às atividades de enobrecimento da mente, ou seja, não concordando assim que o uso de uma linguagem coloquial pudesse estar inserido em alguma atividade cultural.

Dessa forma, assim como na análise da peça publicitária, podemos concluir que não existe uma teoria que contemple integralmente as atividades da ASHPA. O que ocorre é que cada teoria estudada possui pontos que fazem relação com as atividades e pontos em que a mesma se distancia. Sendo assim, podemos aferir aqui que o sentido da palavra “cultura” vem do senso comum em conjunto com as práticas e experiências realizadas pela Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a intenção inicial de nossa pesquisa – delimitar de quais conceitos de cultura, dentre os estudados, as atividades e eventos realizados pela ASHPA mais se aproximam e também de quais elas mais se distanciam. Surgida essa demanda, nos atemos a estudar as concepções de cultura escolhidas (Unidade I) para que as mesmas sirvam de pano de fundo para a elaboração da análise documental das peças publicitárias e jornalísticas e também da entrevista semipadronizada (Unidade II). Tal pesquisa se torna relevante no sentido da contribuição para a área acadêmica, pois mesmo que a quantidade de trabalhos relacionados a área da antropologia seja grande, não encontramos em nossas pesquisas nenhum trabalho que se valha de uma lógica semelhante ao nosso, ou seja, que tome pressupostos teóricos como base para uma análise voltada à uma organização não governamental.

Como embasamento, nos valem de determinadas concepções de cultura frequentemente abordadas no âmbito das ciências sociais, e sociais aplicadas. São elas: o conceito iluminista de cultura; a concepção adotada pela antropologia clássica de cultura, conhecida como concepção descritiva; o conceito interpretativo de cultura, também conhecido como concepção simbólica; o conceito estrutural de cultura; o conceito de cultura adotado pelos pensadores da Escola de Frankfurt e, por fim, a concepção dos estudos culturais.

Munidos de um pano de fundo teórico que abrange todas as correntes de pensamento acima, voltamos os olhos da análise para a instituição a ser estudada. Fundada em 2010, a Associação de Skate e Hip Hop de Pouso Alegre, é uma organização não governamental e sem fins lucrativos que tem como principal objetivo fomentar a prática cultural do Skate e Hip Hop entre o público jovem da cidade mineira de Pouso Alegre. Para isso, a associação conta com diversos colaboradores voluntários oriundos de diversas áreas profissionais, como por exemplo, o campo das artes visuais, comunicação, ciências econômicas, música e dança. Para alcançar esse objetivo, a ASHPA, realiza eventos, debates, campeonatos entre outras atividades culturais voltadas, a princípio, aos jovens da cidade e região, inclusive realizando algumas dessas atividades em escolas públicas do município.

Com o intuito de relacionar as práticas realizadas pela ASHPA e os conceitos de cultura abordados na Unidade I, analisamos alguns materiais de comunicação da associação e também uma entrevista realizada com seu presidente.

Ao analisar os materiais comunicacionais produzidos e veiculados pela ASHPA podemos estabelecer relação com diferentes conceitos apresentados nessa monografia e em diferentes momentos. Ora a associação demonstra maior afinidade com determinada corrente de pensamento, ora se mostra totalmente distante da mesma e mais próxima de outra. Essa volatilidade na utilização dos pressupostos teóricos, hora se valendo de uma corrente, ora de outra, é característica do senso comum. Logo, a julgar pela análise dos materiais de comunicação, a associação não se aproxima especificamente de um conceito de cultura, e também não se distancia exclusivamente de outro. Vale lembrar que a análise desses materiais é disparada pelos conceitos apresentados na Unidade I, ou seja, é através dos conceitos que chegamos a esses materiais, diferentemente do que ocorre na análise da entrevista.

Na análise da entrevista, nos valem de lógica diferente: são os fragmentos destacados na fala do entrevistado que nos levam a relações com as perspectivas teóricas da Unidade I. E através desse processo podemos chegar a conclusão de que, assim como na análise dos materiais de comunicação, não há um conceito que se destaque como o mais próximo das atividades realizadas pela ASHPA, assim como não há um que mais se distancie. Todas as correntes de pensamento tem pontos possuem pontos que podem ser relacionados com as práticas da associação, assim como pontos em que essa relação não existe. Sendo assim, a concepção de cultura da ASHPA se estabelece, assim como o senso comum, da miscigenação de idéias, ora pendendo mais para o lado de determinada concepção, ora para o lado de outra. Então, concluímos que a ASHPA entende a cultura de uma maneira ampla, não ligada às definições acadêmicas, mesmo tendo, em vários pontos, relação com as mesmas. O uso de uma concepção que não tenha sido postulada dentro da academia é justificável, visto que o principal público da ASHPA são os jovens das classes de menor poder aquisitivo de Pouso Alegre e região. Jovens esses que, em sua maioria, não possuem conhecimento técnico das teorias postuladas pela academia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento fragmentos filosóficos**, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BONDINI, J. Revistando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação In: MALDONADO, A. E [etal.]. **Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ESCOSTEGUY, A.C. Os Estudos Culturais In: HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**, Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. São Paulo: Didática, 1990/1991.

RÜDIGER, F, A escola de Frankfurt In: HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna**, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.